

PODCAST JHSP

5ª TEMPORADA // ESPAÇOS NA CULTURA JAPONESA

08 // E o Pritzker vai para... o Japão

Natasha Barzaghi Geenen: Uma fachada estreita, quadrada, de concreto aparente, com apenas uma pequena porta. É uma casa, mas a fachada só apresenta uma parte dela. A residência, na verdade, tem os cômodos divididos em dois blocos, um na parte da frente e um na parte de trás do terreno. Entre os dois blocos, tem um pátio totalmente descoberto. Para ir de um cômodo pro outro, o morador precisa sair do espaço interno. Enfrentar chuva, sol, vento, neve. O espaço entre os dois cômodos é um lembrete de que não tem escapatória, não é possível fugir do céu e da natureza. O nome dessa casa e do arquiteto que a projetou, você conhece daqui a pouco.

Oi! Eu sou a Natasha Barzaghi Geenen, diretora cultural da Japan House São Paulo.

Guilherme Wisnik: E eu sou o Guilherme Wisnik, arquiteto e professor da FAUUSP.

Natasha Barzaghi Geenen: Esse é o oitavo episódio da quinta temporada do podcast da Japan House São Paulo. É o último! E eu confesso que já tô com saudade dos nossos papos, Guile!

Guilherme Wisnik: Eu também, Natasha! Mas acho que essa temporada — assim como as outras, aliás — é daquelas que dá pra reescutar sempre que der vontade!

Natasha Barzaghi Geenen: Eu acho também. O tema dessa vez é a arquitetura e os espaços japoneses. Então eu aproveito pra convidar você, ouvinte, para escutar, ou reescutar, para os mais entusiasmados, os episódios anteriores dessa temporada. Tem muitos nomes que vão aparecer aqui que já apareceram em outras conversas.

Ao longo da temporada, a gente passou por vários temas que ajudaram a gente a entender a relação do povo japonês com o espaço. Da influência da espiritualidade à cultura escolar, passando por alguns conceitos filosóficos fundamentais.

Guilherme Wisnik: E tudo isso é uma base importante pra gente entender o contexto por trás da nossa discussão de hoje. Porque a arquitetura, afinal, não existe numa bolha isolada. Ela se relaciona intimamente com o contexto histórico e cultural da sociedade aonde tá inserida. Pelo contexto em que vivem os usuários, e também em que criam os arquitetos. Esse, aliás, é nosso tema de hoje! A gente vai falar sobre alguns dos maiores nomes da arquitetura japonesa contemporânea.

Natasha Barzaghi Geenen: É isso mesmo, Guile! Pra fechar essa temporada, a gente vai destacar aqui alguns verdadeiros mestres da arquitetura. Vamos contar um pouco da

trajetória deles, das obras e do legado que eles deixam pra arquitetura japonesa e mundial. Como eu te prometi!

Guilherme Wisnik: E acho que vale, dizer, Natasha, que infelizmente a gente não vai ter como mencionar aqui todos os mestres da arquitetura do Japão, que são muitos! A gente teve que escolher alguns nomes e algumas obras pra explorar aqui. E foi difícil! Mas a gente espera que esse episódio sirva também de incentivo pra que os ouvintes possam conhecer outros nomes e outras obras por conta própria. E contar pra gente depois!

Natasha Barzaghi Geenen: Exatamente. Então vamos começar esse nosso mergulho pelos mestres da arquitetura japonesa.

Shundi Iwamizu: E na verdade, são muitas arquiteturas japonesas!

Natasha Barzaghi Geenen: Esse é o arquiteto Shundi Iwamizu.

Shundi Iwamizu: É mesmo quando encontramos uma arquiteta, um arquiteto, dentro dessa mesma obra, são muitas versões, à medida que o tempo passa, à medida que as encomendas chegam, à medida que os trabalhos se desenvolvem. A arquitetura japonesa contemporânea tá muito distante, se você olhar rapidamente, daquela arquitetura tradicional como a que conhecemos, né? Os templos de madeira... É uma arquitetura muito distinta disso. Mas é bonito de pensar que a arquitetura contemporânea continua cumprindo seu atributo de atender às necessidades do próprio tempo com as técnicas construtivas do tempo atual.

Mas essa arquitetura japonesa contemporânea, de alguma maneira, consegue fazer uma ponte com esse passado e não pelo atributo mais visível, mais claramente reconhecível. Tem uma complexidade aí por trás, uma espécie de mistura que me interessa muitíssimo.

Guilherme Wisnik: Isso é interessante mesmo, Natasha. A gente falou aqui, em episódios anteriores, de algumas características comuns da arquitetura japonesa tradicional. E hoje, vamos falar de arquitetos contemporâneos, que trabalham num outro contexto, num outro Japão. Com outras influências, e também novas tecnologias.

Nesse sentido, se os mestres modernos japoneses, como Kenzo Tange, e mesmo Tadao Ando, trabalharam muito com o concreto aparente, o concreto armado, por exemplo, os arquitetos mais recentes, mais jovens e contemporâneos, já usam outros materiais mais leves, estruturas metálicas, resinas, e outros materiais difíceis até de definir.

Shundi Iwamizu: Talvez a melhor arquitetura que a gente veja no Japão, e é aí que ela se vincula aos princípios de uma arquitetura tradicional, é de uma arquitetura com muita clareza, com muita simplicidade, construída sem essa necessidade de se esconder os seus atributos exatamente. E ela vai criando espaços muito generosos, ao mesmo tempo, criando surpresas, criando elementos que se vão tornando esta arquitetura muito rica.

André Corrêa do Lago: Por que que o Japão tem tantos bons arquitetos? E tantos bons arquitetos que estão seguindo linhas diferentes? Porque não é que sejam arquitetos que estão fazendo o mesmo tipo de coisa.

Natasha Barzaghi Geenen: Esse é o embaixador André Corrêa do Lago, que além de ter sido embaixador no Japão, é também curador e crítico de arquitetura.

André Corrêa do Lago: Há um número de bons arquitetos e arquitetas no Japão que é muito impressionante. Então, se você olha hoje o Japão, eu acho que provavelmente você pode identificar no mínimo 15 arquitetos que têm nível para receber o Pritzker. Eu acho que não tem nenhum país comparado.

Natasha Barzaghi Geenen: O André, inclusive, faz parte do júri do prêmio Pritzker, que ele mesmo mencionou. O Pritzker é como um “Oscar da arquitetura”, considerado um dos prêmios mais relevantes da área. O prêmio existe desde 1979, e foi uma iniciativa da família Pritzker, uma família americana. Todos os anos, o júri do Pritzker elege um arquiteto vivo para receber a honraria. Além do título, o premiado também leva 100 mil dólares e um medalhão de bronze.

André Corrêa do Lago: Todo ano a gente se dá conta que há mais arquitetos japoneses que merecem o Pritzker, né? E esse fenômeno continua.

Natasha Barzaghi Geenen: Até hoje — e a gente tá gravando esse episódio em 2026 —, nove arquitetos japoneses já ganharam o Pritzker. Em oito edições diferentes do prêmio, porque uma delas foi uma dupla de vencedores— cê já vai entender. O Japão, no retrato de hoje, é o país com mais arquitetos laureados pela premiação.

André Corrêa do Lago: Então, é uma fonte de riqueza da arquitetura contemporânea extraordinária.

Natasha Barzaghi Geenen: Então, na verdade, me parece que uma boa maneira da gente começar esse mergulho em alguns dos grandes nomes da arquitetura japonesa contemporânea seja justamente conhecer um pouco dos japoneses que foram honrados pelo Pritzker. Que tal a gente começar desde o primeiro deles, Guile?

Guilherme Wisnik: Isso. A primeira vez que o Pritzker foi pra um japonês foi em 1987. E o premiado foi ninguém menos que o responsável por reconstruir Hiroshima depois da Segunda Guerra Mundial: o Kenzo Tange. Ele nasceu em 1913, em Osaka, mas ele cresceu numa cidade pequena. A trajetória dele na arquitetura começou, como a de muitos, inspirada pelo Le Corbusier.

Gabriel Kogan: De forma geral, pode-se dizer que o Kenzo Tange tava tentando internalizar a questão da tradição, de espíritos da tradição, de gostos, de questões, de discussões estéticas, enfim, para a técnica do concreto armado.

Natasha Barzaghi Geenen: Esse é o arquiteto e pesquisador Gabriel Kogan.

Gabriel Kogan: Porque ele continuava sendo um arquiteto moderno, e para um arquiteto moderno, a questão da técnica e das tecnologias modernas eram muito importantes.

Guilherme Wisnik: Ele estudou arquitetura na Universidade de Tóquio, e ainda jovem, em 1946, começou a carreira de professor por lá.

Natasha Barzaghi Geenen: Esse lado dele, professor, é super importante, né, Guile? Porque ele deu aula e foi mentor de vários arquitetos importantes no Japão. Inclusive de outros dos vencedores do Pritzker que a gente vai mencionar aqui, como Arata Isozaki, por exemplo. Aliás, guarda esse nome, porque vai ser a primeira de muitas vezes que um mestre puxa outro pela manga.

Guilherme Wisnik: É do Kenzo Tange, por exemplo, o projeto do Parque Memorial da Paz de Hiroshima, e do museu que faz parte do complexo.

Gabriel Kogan: Os caras olham muito pro Memorial de Hiroshima, que é uma obra referencial da arquitetura japonesa, que é do final dos anos 40, 49.

Guilherme Wisnik: O Kenzo Tange é muito conhecido por ser um dos membros mais importantes do movimento chamado “metabolismo japonês”, que fez projetos de grande escala, nos quais a arquitetura se tornava infraestrutura e urbanismo, de certa forma, né?

Gabriel Kogan: O Kenzo Tange queria fazer uma arquitetura pública. Uma arquitetura, inclusive, que se não fosse para edifícios públicos, fosse de habitações que poderiam ser reproduzidas pelo Japão inteiro, pelo mundo inteiro e tal.

Guilherme Wisnik: Então ele tem um projeto, de 1960, que é uma referência, que é o projeto para a Baía de Tóquio, que seria a ocupação da área da baía, isso é, do mar, com vias expressas e edifícios sobre a água. Isso acabou não sendo construído, mas hoje em dia existe a Ilha de Odaiba, que é uma ocupação dessa mesma baía, e que tem obras do próprio Kenzo Tange lá.

Em 1960, Tóquio já era uma metrópole imensa, a maior, a mais populosa do planeta, e tinha, portanto, problemas com o espaço. Então, ocupar a baía com uma expansão da cidade era importante nesse sentido. O arquiteto brasileiro Paulo Mendes da Rocha admirava muito esse projeto do Kenzo Tange, e sempre o citava. Inclusive o Paulo fez projetos, também, ele, aqui no Brasil, como por exemplo para a baía de Vitória, cidade em que ele nasceu, em que ele colocava prédios na água, e era uma citação direta dessa proposta, lá do Kenzo Tange, mais antiga.

Natasha Barzaghi Geenen: Paulo Mendes da Rocha, arquiteto brasileiro que também venceu o Pritzker, aliás.

Guilherme Wisnik: É verdade, bem lembrando.

Natasha Barzaghi Geenen: O Kenzo Tange apresentou esse projeto urbanista dele para Tóquio num evento, o World Design Conference, que aconteceu em 1960. E foi esse mesmo evento que marcou a inauguração de um novo movimento arquitetônico no Japão, o metabolismo que o Guilherme justamente mencionou. O contexto era o seguinte:

Gabriel Kogan: “Somos arquitetos jovens, queremos produzir, mas nós não estamos presentes nesse Design Conference, World Design Conference”. O único

japonês que estava presente nesse evento internacional era o Kenzo Tange. E daí se organiza um grupo de designers, críticos de arquitetura, arquitetos, enfim, um grupo grande, que lança um movimento, que é o movimento metabolista, o manifesto metabolista.

Natasha Barzaghi Geenen: O nome do movimento, o Kogan contou pra gente, que teve inspiração Marxista.

Gabriel Kogan: E a ideia do metabolismo, para Marx, é um processo contínuo de que o ser humano tira as riquezas da natureza, ele retrabalha do ponto de vista energético, na geração de energia, e devolve isso.

Natasha Barzaghi Geenen: O manifesto apresentado naquela conferência se chamava “Metabolismo: propostas para um novo urbanismo”. Ele tinha artigos assinados por esses jovens arquitetos cavando seu espaço no contexto global: Kisho Kurokawa, Masato Otaka, Fumihiko Maki — esse outro japonês vencedor do Pritzker, o de 1993! — e Kiyonori Kikutake.

Gabriel Kogan: Começa a surgir uma nova geração de arquitetos formados já no pós-guerra, e entre esses arquitetos tá um cara que é uma espécie de novo Kenzo Tange, porque é um arquiteto estudante, que todo mundo fala “esse cara é um gênio!”. E ele é o Kikutake, Kiyonori Kikutake. Ele vinha de família muito rica, tá, uma família, assim, de nobres e, inclusive, em 1958 ele constrói uma casa para ele mesmo, que é a Sky House. Que é uma casa em concreto flutuante sobre pilotis e ela é toda modular. Ela pode ser reorganizada, tem um módulo de cozinha, um módulo de banheiro, um módulo quarto, e isso podia passear no que ele chama de “moving nets” dentro dessa planta super livre. E aquilo é uma coisa... É um susto para o Japão, e é um susto pro mundo! É um projeto Corbusiano, mas ele também é japonês, ele é muito modular, ele trabalha com esses... com essa quase-ideia de cápsula. Eles ainda não chamavam de cápsula, mas já trabalha.

Guilherme Wisnik: E por falar em cápsula, uma das obras mais icônicas do metabolismo japonês tem justamente a ver com esse conceito. É a Torre de Cápsulas de Nakagin, de Kisho Kurokawa. É bem de acordo com o conceito do metabolismo, o prédio tem uma espécie de núcleo central de infraestrutura, que tem elevador, tubulação de água, elétrica, etc. E depois são as cápsulas “plugadas”, e cada cápsula é um apartamento. Vistas de fora, elas tem uma estética meio ficção-científica, parece máquina de lavar-roupa: são brancas, com umas janelas redondas. E tem um desenho, um arranjo, bem aleatório, na verdade, porque a ideia é que justamente você pode “plugar” e “desplugar” essas cápsulas, coisa que nunca foi feita.

Natasha Barzaghi Geenen: Esse edifício foi construído nos anos 70, e é um precursor dos hotéis cápsulas, de certa maneira, que hoje são tão conhecidos nas grandes cidades japonesas.

Guilherme Wisnik: É, e o interessante é que, por mais que esse conceito tenha vingado, a Torre Nakagin foi demolida poucos anos atrás, em 2022. Mas felizmente deu tempo de eu visitar, quando fui a Tóquio em 2017!

Natasha Barzaghi Geenen: Você teve mais sorte do que eu, Guile, porque... não consegui visitar, e aí, quando eu fiz a exposição de casas pré-fabricadas, tentei muito trazer uma dessas cápsulas para mostrar na Japan House, durante a exposição. E, por questões logísticas, não consegui.

Agora, o MoMA e o San Francisco MoMA, quer dizer, ambos museus nos Estados Unidos, conseguiram fazer uma exposição, agora mais recente, dessas cápsulas.

Guilherme Wisnik: Que incrível!

Gabriel Kogan: Bem, mas quais são os princípios dessa arquitetura metabolista? Eu já falei alguns deles, mas essa ideia da cápsula, essa ideia de expansão celular metabólica da arquitetura pelo território, essa ideia de não tocar o piso, né? Isso que já estava na Sky House, de as coisas flutuarem, seja sobre os mares, seja sobre as terras. Tem essa ideia também de ser uma arquitetura que é uma árvore que vai crescendo, que tem um núcleo rígido central, onde vão sendo acopladas coisas.

Guilherme Wisnik: Como é que você definiria o metabolismo? Quer dizer, ou melhor, por que no Japão se chama metabolismo e não mega-estrutura como em outros lugares do mundo?

Shundi Iwamizu: Bom, eu acho que isso também é interessante contextualizar. Talvez esse movimento tenha muita força no Japão pós-guerra, muitas cidades completamente destruídas...

Guilherme Wisnik: Esse, de novo, é o arquiteto Shundi Iwamizu.

Shundi Iwamizu: ... são muitos arquitetos que juntos elaboraram essa teoria e deram esse nome porque também viam essa arquitetura não só como mega-estruturas, mas também como organismos vivos que poderiam se reestruturar, se regenerar, se transformar à medida que o tempo passasse. E por isso pensados numa escala mega-estrutural, mas também pensados sob a ótica de um Japão moderno, do futuro, e que tanto nos é alimentado, também, por essas imagens que vêm do mangá, da ficção científica, da alta tecnologia. E isso tudo como uma resposta à condição de um país totalmente destruído.

Acontece que, no Japão, a questão do desastre está presente em todo momento, não só por um advento terrível como a guerra, mas pela própria constituição geográfica do país, né? É um país que está sempre sob ameaça, porque ele é composto por ilhas que estão sob o encontro de placas tectônicas, e por isso que é um local que sobrevive apesar dos terremotos, que estão relacionados aos tsunamis e, portanto, é muito comum a gente pensar nessa imagem mítica de um país que se destrói e se reconstrói e ao mesmo tempo que está se reconstruindo, já está esperando o próximo desastre. Então, talvez isso alimente um pouco o imaginário nosso para entender melhor esse metabolismo.

Natasha Barzaghi Geenen: Guile, eu acho que pra continuar o nosso papo, a gente pode puxar aqui um arquiteto que foi influência e também influenciado pelo metabolismo: que é o Arata Isozaki.

Shundi Iwamizu: E o Isozaki é esse cara maravilhoso, porque é um arquiteto que é pouco conhecido no Brasil. Ele ganha um Pritzker já no fim da sua trajetória. Poderia-se dizer até de um Pritzker tardio, porque quando ele ganhou, ele já tinha feito as obras mais representativas, né? Na Europa, por exemplo, em 92, nas Olimpíadas de Barcelona.

Natasha Barzaghi Geenen: O Arata Isozaki recebeu o prêmio Pritzker em 2019, aos 88 anos. Ele nasceu em 1931, e testemunhou os efeitos da Guerra de perto ainda criança. Sobre essa experiência, ele contou:

“Quando eu tinha idade suficiente para começar a compreender o mundo, minha cidade natal foi incendiada. De outro lado da costa, a bomba atômica foi lançada sobre Hiroshima; cresci perto do marco zero. A cidade estava em ruínas totais: não havia arquitetura, nem edifícios, nem sequer uma cidade propriamente dita. Portanto, minha primeira experiência com a arquitetura foi o vazio da arquitetura. Comecei a refletir sobre como as pessoas poderiam reconstruir suas casas e cidades.”

Shundi Iwamizu: Mas o Isozaki talvez seja uma figura interessante, porque ele é o cara que faz a ponte com o Ocidente de maneira muito contundente. Inclusive também escrevendo muito sobre a arquitetura tradicional japonesa, no sentido de contar um pouco pro Ocidente alguns atributos desta arquitetura. Não por acaso, ele é o cara que faz aquela exposição em Paris nos anos 70, que...

Natasha Barzaghi Geenen: Pois é, se você tava achando esse nome familiar, pode ser porque a gente já mencionou o Arata Isozaki lá no episódio que abriu essa temporada. Isso porque foi o Isozaki quem organizou a exposição “Ma: Espace-Temps du Japon”, em 1978 na França. Essa exposição foi uma verdadeira introdução do Ma para o mundo.

Shundi Iwamizu: Então o Isozaki é essa figura excepcional que tem esse tipo—essas camadas de projetos, né? Tanto numa arquitetura que passa do metabolismo ao pós-moderno e ao contemporâneo, trabalha em todos esses momentos, mas também faz a exportação do que seria a arquitetura tradicional japonesa para fora. Como crítico, inclusive.

Natasha Barzaghi Geenen: Quem é o próximo, Guile?

Guilherme Wisnik: Natasha, eu tava ansioso pra falar do vencedor do Pritzker de 1995. Ninguém menos do que o Tadao Ando.

Gabriel Kogan: O Tadao Ando, ele não é um arquiteto com diploma de arquiteto, né? Ele é um autodidata.

Agnaldo Farias: Ele se fez arquiteto, burlando de certa forma um processo, porque é muito mais rígido e ele conseguiu ultrapassar. Mas isso não é comum. O Japão é muito hierárquico. Isso não é comum, e ele conseguiu driblar isso.

Natasha Barzaghi Geenen: Esse é o Agnaldo Farias, professor da FAUUSP. O Tadao Ando nasceu em Osaka, em 1941. Ele foi criado pela avó materna, e bem novinho começou a trabalhar como aprendiz de carpinteiro.

Gabriel Kogan: Ele acaba indo trabalhar numa indústria moveleira, fazendo inclusive alguns desenhos de móveis. E um dia ele está num sebo e se apaixona por um livro, que é um livro que a gente também se apaixona, né, que é aquele “Obras completas” do Le Corbusier de um, dois, três, quatro, cinco volumes.

Agnaldo Farias: Ele confessava que ele ia para a biblioteca e pegava os livros do Le Corbusier e para garantir que os livros não fossem tomados de empréstimo por uma outra pessoa, ele escondia em outro setor para poder voltar a estudar aquilo profundamente.

Gabriel Kogan: E vai ganhando dinheiro, e em vez de ir para a universidade, ele vai viajar. Ele viaja para a França, ele viaja para a Suíça, ele viaja para os Estados Unidos, também, e ele faz a formação dele viajando. E lendo esses livros que ele vai comprando... E também, ele frequenta umas aulas na universidade, ele vai como ouvinte, uma ou outra.

Guilherme Wisnik: O Tadao Ando, por um período na juventude, também foi boxeador, acredita? Bom, algum tempo depois, em 69, ele abriu o próprio escritório, e em 76, — portanto, no início da carreira — ele inaugurou uma das obras mais importantes desse período, que era uma casa estreita, quadrada, de concreto aparente, com apenas uma pequena porta. A final, a Casa Azuma, aquela que a Natasha descreveu na abertura do episódio.

Shundi Iwamizu: Então tem aquela pequena casa em Sumiyoshi, que é talvez uma das mais impactantes, que é uma caixa de concreto que tem apenas uma pequena porta e você entra.

Agnaldo Farias: Uma sala separada do quarto, e entre uma coisa e outra, uma passarela. E a passarela ao ar livre. E as pessoas vão entrando, e vão— e vão passando.

Shundi Iwamizu: E para transitar pelo espaço, você tem que atravessar por um espaço exterior, né, de modo radical, porque para ir da sala para o quarto, você pode tomar chuva ou vento. Quer dizer, você está em contato com a natureza num outro sentido. É, eu acho que é uma obra muito potente.

Natasha Barzaghi Geenen: Uma coisa que chama muito a atenção visual nas obras dele é o uso do concreto. Concreto aparente, utilizado com muita precisão, e numa qualidade, assim, admirável. Outra coisa é a maneira como ele incorpora a luz e a sombra. No segundo episódio dessa temporada, a gente lembrou do livro do Junichiro Tanizaki, “Em Louvor da Sombra”. E eu não consigo deixar de pensar nesse livro e nesse texto quando eu vejo algumas obras do Tadao Ando.

Shundi Iwamizu: Como o templo de Honpukuji ou aquela Igreja da Luz ou a Igreja da Água...

Guilherme Wisnik: Olha, Natasha, acho que a Igreja da Luz do Tadao Ando é uma das obras de arquitetura mais radicais que eu conheço. Infelizmente eu não visitei ao vivo, mas é uma obra que eu estudo muito. E basicamente, ela é um volume bem fechado, assim, de concreto aparente, portanto, escuro. Mas no fundo dela, onde tem o altar, — lembrar que é um templo católico! — ao invés de ter uma cruz sobre a mesa, que é o objeto por excelência do culto cristão, ele faz a cruz virar espaço. Isso é, ele rasga a parede do fundo na forma de uma cruz.

Então a cruz é luz, né? Ela é ar, ela é vazio, e um detalhe muito importante: a cruz vara a parede de ponta a ponta, de um lado até o outro, e do piso até o teto. Portanto, ela se torna, realmente, volume em negativo, ela deixa de ser objeto para se tornar ambiente. Claro que, portanto, é a natureza entrando de novo no espaço, que é tão recorrente na arquitetura japonesa, como a gente tem visto.

Natasha Barzaghi Geenen: Eu também nunca tive a chance de visitar essa igreja, mas não consigo esquecer o Museu Chichu, lá em Naoshima, feito pelo Tadao Ando, e esse trabalho da luz que ele faz, que realmente transforma tudo, né?

Mais um vencedor do Pritzker que a gente também já falou em outros episódios é o Shigeru Ban. É ele quem assina aquele banheiro super diferente, parte do projeto The Tokyo Toilet, que eu descrevi no episódio 3. Se você não ouviu ainda, dá pra dar uma olhada lá!

Tem um outro projeto do Shigeru Ban que esteve exposto na Japan House São Paulo, que foi a Paper Log House. É uma casa feita com tubos de papelão, pensada para ser construída de forma rápida e barata, utilizando materiais locais, em um contexto de desastres naturais. Essa casa foi montada com a colaboração de alunos da FAUUSP, da Escola da Cidade e da ETEC de Itaquera. Depois desse período na Japan House, ela foi exposta também na 14ª Bienal Internacional de Arquitetura, em São Paulo, e agora, ela tá na FAUUSP, servindo de material de estudo pros alunos.

A gente repetiu esse mesmo projeto em Belém, na época da COP-30. Foi uma parceria com a Secretaria da Cultura do Estado do Pará e com o Centro Universitário do Estado do Pará. É uma ideia, justamente, muito interessante pra soluções de arquitetura emergencial. Se você quer ver como ficou, dá uma olhada no site da Japan House depois que terminar esse episódio.

Agnaldo Farias: E também vindo do próprio Shigeru Ban, gosto muito daquela Casa Nua, a casa que é um grande envoltório, um paralelepípedo, aonde você tem alguns elementos que você vai empurrando de um canto a outro, né?

Guilherme Wisnik: A “Casa Nua” se chama assim por ter as paredes exteriores feitas de plástico e fibra de vidro, com uma certa translucidez que permite a entrada da luz natural. Por dentro, as paredes internas são fixadas com velcro. O espaço é quase como um galpão, um espaço único, e os cômodos da casa podem ser rearranjados a depender das necessidades da família ou da situação.

Natasha Barzaghi Geenen: É genial, né? É uma releitura moderna da tradição das casas japonesas que a gente também comentou lá atrás. Essa flexibilidade dos espaços, dos cômodos...

Guilherme Wisnik: É, exatamente! E o Agnaldo Farias lembrou de outra casa superinteressante projetada pelo Shigeru Ban:

Agnaldo Farias: A Casa Cortina, com aquelas janelas imensas e as cortinas que ficam como que desfraldando-se para fora.

Shundi Iwamizu: Uma casa que basicamente tem uma grande superfície de um tecido que define o que é interno e o que é externo.

Agnaldo Farias: Isso é uma discussão, a meu ver, muito bem acabada, sobre o que que é uma abertura, e sobre o que que é esse estar dentro. A casa como abrigo e a casa como um elemento exterior a ela. Essa expulsão, essa comunicação, né? E não é uma casa fortaleza, não é uma casa bunker. É uma casa que postula, que propaga essa irradiação, que se deixa, que se sensibiliza pela própria— pelo movimento do vento. O vento vem de fora, bate e sacode aquela cortina e a cortina, ela ganha uma dimensão imensa.

Eu fiquei muito, muito fascinado com a famosa Casa U do Toyo Ito.

Natasha Barzaghi Geenen: Toyo Ito, vencedor do Pritzker em 2013.

Agnaldo Farias: Então, aquela casa que é um corredor. E não é apenas um corredor, é um corredor semicircular, ela faz um U. Ela bota dois extremos.

Shundi Iwamizu: E obviamente que o Toyo Ito acaba fazendo obras realmente diversas. Por exemplo, a biblioteca de Tama, que a gente foi visitar recentemente, já é uma obra de outro período, mas igualmente interessante, porque de alguma maneira se contrapõe muitíssimo a essa obra que é a Midiateca de Sendai. E o Toyo Ito tem um outro caráter, também. Ele é um cara que acabou formando uma série de outros profissionais, então também dentro de uma genealogia, talvez ele seja uma figura central pra arquitetura japonesa.

Agnaldo Farias: E eu faço menção ao Toyo Ito, porque o Toyo Ito é o mentor, não sei se pode se dizer, mas é de lá que sai a Sejima. Sejima que vai montar o SANAA.

Natasha Barzaghi Geenen: SANAA é o escritório de arquitetura fundado pelos arquitetos Kazuyo Sejima e Ryue Nishizawa. Eles foram os vencedores do prêmio Pritzker de 2010.

Guilherme Wisnik: De fato, entre eles, tem uma espécie de passada de bastão, né, porque a Kazuyo Sejima trabalhou com o Toyo Ito, foi uma discípula dele, depois ela abriu o escritório dela, e o Nishizawa foi estagiário nesse escritório. A ponto de depois se tornar um membro muito importante e sócio, quando eles então eles abrem o SANAA com um novo nome, já dos dois.

Natasha Barzaghi Geenen: O Gabriel Kogan contou pra gente como descobriu o trabalho deles, ainda na faculdade.

Gabriel Kogan: E eu descobri uma revista do SANAA, da Kazuyo Sejima e do Ryue Nishizawa, e eu fiquei muito impressionado com aquilo lá, porque era um tipo de arquitetura completamente distinto daquele que a gente aprendia e via. Era um tipo de arquitetura que prezava muito pela leveza, pela transparência... Eu achei aquilo absolutamente incrível! Assim, eu sempre digo que uma obra que me impressionou particularmente era o Park Café, que fica na periferia de Tóquio.

Guilherme Wisnik: O Koga Park Café é um restaurante! Como o nome sugere, ele fica dentro de um parque.

Gabriel Kogan: Que ela é uma mesa de faquir, né? Elas são pilarezinhas muito esbeltas, que, por se, eles não funcionam sozinhos. Mas quando eles viram essa mesa de faquir, eles se sustentam e dão estabilidade. E o teto é uma lâmina lá de cinco, dez centímetros, e eu ficava tentando entender como que aquilo podia ficar de pé, como aquilo era estanque, enfim.

Guilherme Wisnik: O Gabriel Kogan chegou a trabalhar por um tempo com o Paulo Mendes da Rocha, e ele contou pra gente uma cena em que o Paulo demonstrou evidente admiração pelo trabalho do SANAA.

Gabriel Kogan: E ele pegou aquela revista e tem um projeto que é o Gifu Kitagata, que é um conjunto habitacional na periferia de Gifu, perto de Nagoya. E ele falava: "Cara, essa obra aqui é uma das coisas mais geniais que eu já vi na minha vida". E, assim, acho que foi uma das raras vezes que eu vi o Paulo se curvar daquela forma em relação a uma obra que não fosse a dele, assim, até eu diria. Ele ficou muito impressionado com esse projeto, porque lembrava o Copan — O Paulo também é fascinado, era fascinado pelo Copan —, porque é um Copan em zigue-zague e tinham buracos na fachada onde o ar fluía e lá era onde ficava a lavanderia. Ele falou: "Esses caras desenharam uma máquina de secar roupa na arquitetura!"

Natasha Barzaghi Geenen: Para além dos vencedores do Pritzker, o Japão continua a produzir uma quantidade de arquitetos extremamente inovadores, admiráveis, com obras de muito impacto e com soluções muito únicas, na minha opinião.

Na programação da Japan House, eu tenho trabalhado bastante essa pauta da arquitetura, justamente por entender o quanto é uma área de referência quando a gente pensa em Japão. Alguns nomes que me ocorreram, pra gente falar e que a gente não vai conseguir dar muita continuidade, são:

O Tsuyoshi Tane, um arquiteto que trabalha com uma lógica de "arqueologia do futuro", segundo ele, onde ele busca referências que podem ser tanto de materiais, históricas ou afetivas, dos lugares antes de construir os projetos— ele, aliás, tá agora responsável pela renovação do Hotel Imperial do Frank Lloyd Wright, que vai ficar pronta em 2036;

A Maki Onishi, que também foi pupila do Toyo Ito, e que quem me apresentou foi a própria Sejima, como uma das expoentes dessa nova arquitetura. Tem também seus quarenta e poucos anos, e tem um trabalho extremamente voltado para o social: trabalha

muito com o Toyo Ito, também, nesses programas do Toyo Ito ligados a uma— ao papel social da arquitetura;

Junya Ishigami, que é muito conhecido por seus edifícios flutuantes, talvez, aquela floresta transplantada, acho que o Guile pode comentar mais, também, sobre ele;

O Sou Fujimoto; o Atelier Bow-Wow; o Kengo Kuma, que projetou a Japan House São Paulo; e a Kumiko Inui, que é uma arquiteta que trabalha com as pequenas paisagens.

Guilherme Wisnik: Pois é, é impressionante a quantidade de arquitetos incríveis que o Japão não para de produzir, e a gente vai ficando impressionado com o surgimento de novos, né?

Eu realmente admiro muito o Junya Ishigami, essa questão dos jardins... E ele tem uma mesa com um vão gigantesco, e a gente fica assim, admirados de como é que aquela mesa para de pé, porque uma das questões que ele expõe para nós é o desafio dos materiais. Isso é, a tectônica, né, como o Vitruvius dizia, na base da arquitetura ocidental— Do tripé do Vitruvius é que uma delas é a “firmitas”, que é a estrutura. E esses arquitetos japoneses parecem que desafiam isso, é como se não houvesse mais solidez, né? E essa mesa do Ishigami mostra muito bem isso.

O Sou Fujimoto tem casas incríveis que ele consegue encaixar em lotes muito estreitos, porque o Japão tem esse problema também, né? Poucos terrenos, então casas estreitíssimas, e vai criando espaço, com pés direitos duplos, triplos, e ganhando na altura um espaço que, na horizontal, praticamente não existe.

Natasha Barzaghi Geenen: É o que a gente tava falando ao longo dessa temporada toda, né? Essa arquitetura como reflexo de uma sociedade ou de um modo de viver, das condições, inclusive, físicas do próprio país, e geográficas do país. E também formando e formatando muito esse modo de viver, né?

Guilherme Wisnik: É isso. E o Atelier Bow-Wow, que também é, além da produção arquitetônica deles, eles são muito importantes na pesquisa. Então eles tem um livro que é referência, chamado “Made in Tokyo”, que é uma espécie de atlas de arquitetura de Tóquio, só com arquitetura ordinária! Nenhuma arquitetura de encher os olhos, né? Eles mostram ali, como, na verdade, Tóquio é uma cidade feita de conexões de infraestrutura: então você, de repente, tá num metrô, que entra no terceiro andar de um shopping, você pode sair por um viaduto, que você vai acessar uma calçada... Então são muitos layers. E o Atelier Bow-Wow faz, então, uma leitura importantíssima dessa característica de Tóquio, que na verdade é uma metáfora, talvez, da cidade contemporânea mundial.

Natasha Barzaghi Geenen: Muitos livros sobre esses arquitetos estão disponíveis lá no nosso espaço literário, lá na Japan House, então fica o convite, também, pros ouvintes que quiserem vir nos visitar. Para ver as exposições, mas também para consultar os nossos livros lá na Avenida Paulista, número 52.

Que interessante que é ver, Guile, ao longo dessa temporada, como os temas foram se encaixando um dentro do outro, quase como as cápsulas da Torre de Nakagin, do Kisho Kurokawa. A gente começou falando do Ma, do vazio, da luz, sombra... A gente falou de tatami, de shoji, dos kami... E agora a gente consegue observar, nas obras de todos esses mestres, interpretações para tudo isso.

Guilherme Wisnik: Pois é, Natasha, é verdade! Esse poder de reinterpretar o tempo e o espaço é, de certa forma, o que a gente vem falando ao longo dessa temporada. Essa característica fundamental da cultura japonesa.

Natasha Barzaghi Geenen: É verdade. Isso me leva de volta praquela casa que eu descrevi lá na abertura do episódio. A Casa Azuma, do Tadao Ando. Aquela casa que não deixa ninguém fugir do céu. Talvez essa seja a lição maior desses mestres: não existe arquitetura que escape do seu tempo, do seu lugar, da sua história. A boa arquitetura enfrenta isso de peito aberto — e ainda assim consegue ser livre.

Guilherme Wisnik: Natasha, pra mim foi um prazer aprender mais com você e com cada um dos nossos convidados ao longo desses episódios. E eu espero que os ouvintes também tenham gostado de nos acompanhar nessa jornada.

Natasha Barzaghi Geenen: Guile, eu também aprendi muito com você e os nossos convidados, e agradeço muito pela companhia.

O podcast da Japan House São Paulo é uma produção do Estúdio Novelo.

A coordenação na Japan House São Paulo é da Miyuki Teruya.

A criação e o conteúdo digital ficam sob responsabilidade da Júlia Casadei, da Adriana Pedroso e da Gabriela Ono.

A pesquisa, produção e o roteiro do podcast ficam por conta da Bárbara Rubira.

O apoio de produção é da Ashiley Calvo.

O tratamento de roteiro é da Evelin Argenta, que também faz a montagem dos episódios.

A sonorização é da Mariana Leão.

A mixagem é do Gabriel Pimentel, e a música original, da Mari Romano.

A gente gravou no estúdio Trampolim, em São Paulo.

A direção executiva do Estúdio Novelo é da Marcela Casaca, a coordenação de parcerias é do Pedro Lopes, e a gerência de produto é da Juliana Jaeger e da Bia Ribeiro, que também é responsável pela distribuição do podcast, com apoio do Vinícius Magalhães.

No site da Japan House São Paulo, você encontra conteúdos extras desse e de todos os episódios.

Eu sou a Natasha Barzaghi Geenen, diretora cultural da Japan House São Paulo, e apresento essa temporada na companhia do Guilherme Wisnik.

Muito obrigada pra todo mundo que nos ouviu até aqui, e até a próxima, Guilherme!

Guilherme Wisnik: Até, Natasha!